

Leonardo Boiko

Cultura e Sociedade do Período Jōmon

São Paulo

2011

Leonardo Boiko

Cultura e Sociedade do Período Jōmon

Trabalho de Cultura Japonesa I, turma
2011101 (19:30)

Professor: Koichi Mori 森 幸一

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

São Paulo

2011

Sumário

1	Introdução	p. 3
2	Jōmon incipiente e antigo	p. 5
3	Jōmon médio-antigo	p. 7
4	Jōmon médio	p. 8
5	Jōmon médio-tardio	p. 10
6	Jōmon tardio	p. 12
	Referências Bibliográficas	p. 14

1 *Introdução*

As ilhas japonesas separaram-se do continente eurasiático há cerca de 15 milhões de anos atrás (1). Porém, há até cerca de 20 mil atrás anos elas permaneceram conectadas por pontes terrestres ou glaciais que permitiram a entrada de animais, inclusive seres humanos (2, p. 50). Alguns milhares de sítios arqueológicos provêem evidência que a área era habitada por povos paleolíticos de cultura pré-cerâmica, possivelmente já há 30–35 mil anos atrás (2, p. 52). Esses grupos eram nomádicos e se espalharam amplamente por todo o território, eventualmente desenvolvendo utensílios de pedra caracterizados como mesolíticos.

Há cerca de 12 mil anos houve uma queda súbita na temperatura, seguida de um aumento rápido que elevou os oceanos. As pontes submergiram e o arquipélago se isolou, provocando o desenvolvimento de uma cultura relativamente independente—embora seja provável que, durante todo o tempo, os povos autóctenes tivessem mantido contato com culturas do continente por via marítima (3). As florestas e a fauna foram afetadas, o que causou grande impacto nas sociedades humanas da época. Talvez tenham sido questões de sobrevivência que incentivaram o florescimento da cerâmica—uma das mais antigas do mundo, datando entre 10 a 14 mil anos. De toda forma essa cerâmica abriu aos grupos caçadores-coletores japoneses a possibilidade de cozinhar e armazenar mantimentos, tornando-os comparativamente mais sedentários (2, 4). Com a tecnologia cerâmica somada a melhorias nas técnicas de caça e a cerâmica, tais grupos atingiram um nível de afluência pouco comum em sociedades do tipo (4).

O termo Jōmon (縄文 “marcas de cordas”) descreve os padrões decorativos das primeiras amostras encontradas da cerâmica do período. A palavra se estendeu para descrever a cultura caçadora-coleitora que, a despeito do contato com o continente, se manteve continuamente de 14000BCE a 300BCE—quando um grande influxo de imigrantes trouxe consigo a metalurgia e a agricultura do arroz¹, miscigenando-se com os ha-

¹Embora as sociedades japonesas só viessem a se tornar caracteristicamente agrárias no período Yayoi, há evidências de agricultura incipiente ainda no período Jōmon (3, 4)

bitantes locais e desenvolvendo uma cultura mista chamada Yayoi. O período Jōmon será o tema deste trabalho. A nomenclatura e datas das subdivisões seguem as propostas por J. Edward Kidder Jr. em seu artigo para a Cambridge History of Japan (2). O período de ca. 14000BCE até 7500BCE é por vezes considerado parte do Jōmon, chamado “incipiente”, “sub-antigo”, ou “*sōsōki*” (草創期 “raiz”). Embora Kidder não o empregue, adotaremos o termo “incipiente”. Deve ser enfatizado que esta classificação em “períodos” obscurece as características regionais; numa mesma época, partes diferentes do arquipélago praticavam formas diferentes de cultura.

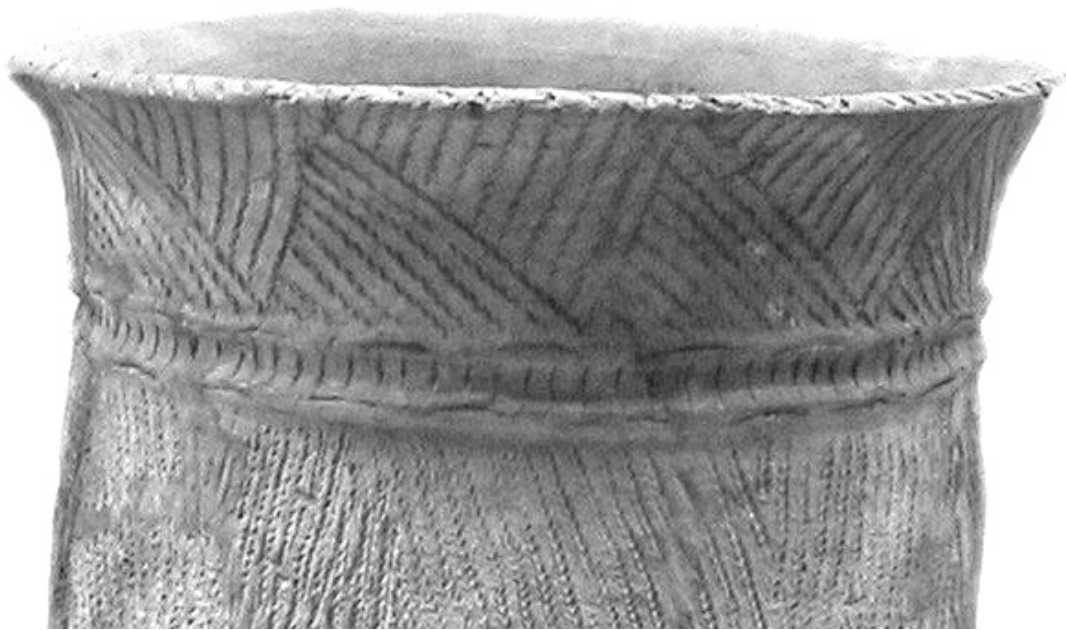


Figura 1.1: Detalhe de vaso Jōmon, datado entre 5000 a 4000BCE, mostrando marcas impressas. Créditos: Usuário “Chris 73” do Wikimedia Commons. Disponível sob licença Creative Commons Attribution-Sharealike 3.0.

2 *Jōmon incipiente* (ca. 14000–7500BCE) e antigo (ca. 7500–5000BCE)

Como descrito na Introdução, os povos das ilhas japonesas passaram por uma mudança no estilo de vida depois que os oceanos subiram em ca. 10000BCE. Os animais selvagens fugiram para altitudes elevadas e frescas, e seus caçadores mesolíticos os seguiram. Na região das montanhas ao norte de Honshū, as pressões da situação levaram os habitantes a desenvolver eficientes técnicas de caça com lança e arco-e-flecha. Ao sul, em Kyūshū, apareceu pela primeira vez a cerâmica simples, com decorações em formato de pelotas ou lineares. Pequenas “lâminas” de placas de pedra (*microblades*) eram usadas para coletar ervas. A caça, o cozimento, a armazenagem e as ferramentas permitiram a sobrevivência e florescimento nas condições de alimento reduzido em que os habitantes se encontraram.

No período antigo surgiu um novo incentivo para a vida mais sedentária: a proliferação da fauna marinha, que se deu graças ao encontro das correntes marinhas Kuroshio (黒潮 “maré negra), quente, e Oyashio (親潮 “maré-pai”), fria. As populações humanas descobriram uma grande e conveniente fonte de nutrição em mariscos e invertebrados, agora muito abundantes em baías, enseadas e poças marinhas. Tais alimentos ficavam disponíveis mesmo no inverno, e substituíam os animais terrestres que escasseavam. A descoberta da cerâmica marcada com cordas, origem do termo “Jōmon”, deu-se na primeira escavação de um *sambaqui*¹ japonês, organizada em Ōmori por Edward S. Morse em 1877, que a chamou de “cord-marked”.

Os sítios arqueológicos do período antigo são poucos, e não deixaram muitas marcas culturais para serem analisadas. Ferramentas incluíam anzóis de osso na costa, pequenas flechas de pedra no interior, pás de pedra para cavar raízes, e moedores de

¹Pequeno monte originário de detritos alimentícios humanos. Também conhecido em português como casqueiro ou concheiro.

pedra para pulverizar nozes e sementes. O sítio de Hanawadai é o primeiro comunitário comprovadamente do Jōmon antigo, e não deve ter sido habitado por mais do que quinze habitantes em cinco casas, feitas em pequenos buracos no chão (*tateana* 竪穴). Foram encontrados esqueletos de cães nas vilas—especificamente o *Canis familiaris japonica* que pode ter sido o ancestral do atual Shiba.

Os esqueletos humanos em sítios do período antigo, em sua maioria, são encontrados enterrados intencionalmente com as conchas, deitados de costas em posição flexionada. Marcas de interrupção de crescimento, mostradas por raio-X dos dentes, sugerem períodos de desnutrição na infância. Dentes cisos não-usados sugerem uma expectativa de vida de trinta anos, que só viria a aumentar significativamente com a agricultura do arroz.

Segundo Koyama Shuzo, a população estimada deste período era de cerca de 21900 habitantes.

3 *Jōmon médio-antigo* (ca. 5000–3500BCE)

Com a temperatura subindo progressivamente até vários graus acima da atual, e a conseqüente elevação dos oceanos, a população costeira continuou a migrar para o interior (há sítios em Kantō que hoje estão submergidos a mais 50 quilômetros da linha costeira atual). O Mar Interior de Seto chegou ao oceano, ilhando Shikoku e Kyūshū.

Os sambaquis deste período são abundantes em conchas de água doce e ostras. Boas fontes de alimento na costa proporcionaram uma explosão populacional na metade do médio-antigo, cuja população deve ter chegado a 106000. As pequenas vilas da época tinham o formato de uma ferradura, e eram habitadas continuamente por gerações (como demonstrado pela presença sucessiva de vários tipos de cerâmica). Isso incentivou avanços na estrutura arquitetônica. Os buracos começam a ser sustentados por pilares, capazes de segurar um teto. A água da chuva que escorria pelo teto inclinado era drenada em valas. Os telhados provavelmente eram cobertos pela palha *kaya*. A forma final dos espaços interiores era a de um retângulo arredondado, por vezes com lareiras.

Cerâmicas deste período incluem a Minabori, com potes de fundo chato para cozimento de alimentos, e a Moroiso, com decorações lineares feitas com uma haste de bambu.

Há evidências do cultivo de cabaças (*Lagenaria siceraria*) e de feijões verdes (*Phaseolus* sp.). Apareceu também o uso de matérias de madeira e fibras como cordas, cestos, remos, arcos, tigelas, pentes etc.

4 *Jōmon médio (ca. 3500–2400BCE)*

A cultura do período médio ascendeu muito rapidamente por volta de 3500BCE, floresceu por um milênio, e desapareceu de forma igualmente súbita. Teorizam-se várias causas para este desenvolvimento: a introdução de tubérculos do continente, a invenção ou introdução de agricultura primitiva, a descoberta das nozes das montanhas Yatsugatake e várias outras. Parece provável que o inhame e o taro, originários da China, tenham colaborado com a nutrição no inverno. O amido destas raízes era extraído em fontes, e porções fervidas no vapor eram ingredientes para uma forma de pão enrolado.

A temperatura diminuía gradualmente, mas ainda era mais quente que a atual. É possível que a fuga do calor das baixas altitudes pode ter levado a novas descobertas de vida animal nas montanhas, bem como de vários tipos de nozes—castanhas, bolotas de carvalho etc. Elas eram fáceis de armazenar e podiam ser usadas como fonte de amido. As castanhas de árvores decíduas (notoriamente o carvalho *Quercus mongolica*) precisavam ficar semanas em água corrente para perder o amargo ácido tânico, e por isso muitos sítios do Jōmon médio ficavam pertos de nascentes. Pela abundância destes e vários tipos de comida marinha e vegetal, o consumo de carne era marginal.

As vilas do período agora ocupavam milhares de metros quadrados com numerosas casas de buraco. A maioria foi ocupada por gerações. A casa típica era redonda, com uma lareira que agora passou para o centro do espaço habitável. Com o passar do tempo, relações altamente ritualizadas desenvolveram-se em torno destas lareiras. As casas eram reconstruídas e reformadas constantemente.

O estilo de vida mais pacífico e estável, com mais crianças, levou ao desenvolvimento de grandes vasos e potes que eram muitas vezes fortemente ornamentados. Surgiu a especialização: potes compridos para armazenagem, bacias largas para culinária, recipientes de pescoço fino para cozimento a vapor, copos para líquidos. No final do período a tendência eram as marcações de corda diagonais e intensas. Instrumentos rituais e lâmpadas eram abundantes. Os tipos de cerâmica foram o Katsusaka, Otama-

dai, e Kasori E. Todos eram cozidos em baixa temperatura a céu aberto, com Katsusaka sendo vermelho-queimado, Otamadai amarronzado, e Kasori E laranja-salmão. A Katsusaka destaca-se pelos motivos animais, sobretudo serpentes, que deveriam ter importância mística¹. A Otamadai caracteriza-se pela mica chamada flogopita, material raro, o que levanta questões quanto à grande distribuição desta cerâmica.

Figuras antropomórficas de barro existiam desde o Jōmon antigo, mas no médio que elas se tornaram numerosas, sobretudo nas montanhas. Os rostos eram zoomórficos e os seios e quadris exagerados. Algumas figuras eram coroadas por serpentes, possivelmente denotando xamãs de cultos ofídicos. Parece ter havido alguma relação entre essas figuras e lâmpadas, comumente encontradas em conjuntos. Outros objetos rituais incluíam pedras fálicas e ornamentos. Mais para o fim do período surgem simbolismos conectados não apenas com vida e fertilidade mas também com a morte. A cultura que produzia cerâmica Kasori E desenvolveu o enterro de placentas em vasos. Surgiu o costume de enterrar os mortos em potes invertidos, cujas bases eram removidas como se “matando” simbolicamente o próprio utensílio.

¹Até hoje sobrevivem cultos ofídicos em várias regiões do Japão.

5 *Jōmon médio-tardio* (ca. 2400–1000BCE)

No começo deste período aconteceram uma série de desastres naturais e condições ambientais ruins, incluindo chuva excessiva por vários anos, que arruinaram colheitas e levaram a população a voltar à dieta de coleta marinha. De um pico de 2995 sítios no Jōmon médio, a população decaiu para 918 no médio-tardio e 250 no tardio. As migrações misturaram as características culturais locais, de forma que a cerâmica com marcas de cordas apagadas (磨消縄文 *surikeshi jōmon*) difundiu-se por todo o arquipélago.

A expansão das comunidades costeiras criou sambaquis enormes. Encontram-se alguns em regiões tão diversas quanto Hokkaidō, Matsushima ou Kagoshima. Neste período são comuns os ossos de cervo e javali, mas gradualmente os cervos desaparecem do norte, talvez extintos pela caça. A aquisição de comida tornou-se sazonal, com coleta de conchas na primavera, pesca no verão, nozes no outono, e caça no inverno.

As vilas deste período em geral continuaram sendo ocupadas até o Jōmon tardio. Algumas casas tinham chão liso de pedra, falos, e potes estranhos, e devem ter pertencido a chefes xamãs. As pequenas pontas de flecha não podem ter sido úteis sozinhas contra animais grandes, e provavelmente foram usadas com veneno da raiz do acônito.

A cerâmica ornamentada do Jōmon médio foi substituída por formas econômicas e decoração linear modesta. Desenvolveu-se melhor controle da queima, produzindo uma coloração marrom-poeira. Ocasionalmente usava-se tinta vermelha, por decoração ou impermeabilidade. Surgiu também uma nova cerâmica radicalmente diferente, a Goryō, com superfícies negras polidas que imitavam metal. Sem antecedentes locais, ela deve ter sido introduzida da cerâmica negra da China.

Na sociedade surge o conceito de cemitério, e o uso ritual dos espaços centrais entre as casas. Objetos rituais incluem espadas de pedra (石剣 *sekiken*), discos perfurados, placas e figuras. O zoomorfismo das figuras foi gradualmente substituído por interesse

na representação das características humanas. Os mortos eram enterrados flexionados, talvez sugerindo um fechamento para o ciclo da vida (imitando a posição de um bebê) ou para impedir que retornassem ao mundo dos vivos. Há esqueletos pintados com vermelho-ocre, evidência de segundos enterros. Uma prática ritual que se desenvolveu em algumas comunidades foi o lixamento ou remoção dos dentes.

Habitantes do Jōmon médio-tardio no norte do Japão cercaram muitas áreas sagradas com pedras. Essas pedras foram posteriormente removidas por agricultores que desconheciam sua significância, mas ainda existem mais de 30 sítios. A prática parece estar conectada com o ciclo sazonal dos salmões, e com cemitérios.

Neste período aumenta a especialização, aparecendo, por exemplo, vilas com uma quantidade anormalmente alta de anzóis (para troca com outras vilas), ou sítios com ferramentas de procedências diversas.

6 *Jōmon tardio (ca. 1000–300BCE)*

A maior parte dos sítios com características associadas ao Jōmon tardio são em Tōhoku. Há muitos utensílios de fino artesanato, pequenos, polidos, queimados ou laqueados, alguns de uso ritual. É possível que cada membro da família tivesse sua própria tigela e copo. As figuras são numerosas e em geral com formas grotescas, como as do tipo de “olhos esbugalhados”.

Hoje acredita-se que a cultura do norte, neste período, era a da cerâmica Ōbora, que quase não usa casas em buracos. Talvez suas habitações fossem na superfície com pilares em formas de Y, como as dos Ainu. Os povos Jōmon costumavam ser identificados com os Ainu, mas hoje a questão é disputada, e os arqueologistas em geral consideram apenas a cultura do norte do Jōmon tardio como prováveis ancestrais. Forçados para Hokkaidō pela expansão posterior do Estado centralizado, os Ainu permaneceram como caçadores-coletores e foram mais ou menos ignorados pelos demais japoneses até o século XIX (embora possam ter contribuído com o pensamento japonês, especialmente em crenças sobre o mundo espiritual).

A laca havia se tornado uma especialização. Não apenas impermeável, seu potencial decorativo a tornou um objeto de valor. Há pentes e cestos laqueados, e notoriamente uma “espada” (decorativa ou ritual). À época a preferida era com pigmento vermelho-ocre; depois do fim do Jōmon, a laca preta viria a se tornar dominante.

Devido a correntes migratórias, a população de Kyūshū expandiu-se—de 2.3% dos sítios, no Jōmon médio, para 8.26%. Este aumento trouxe mais demanda por alimentos, nem sempre atendida, mas a proximidade com o continente tornava o local desejável.

Aparecem marcas de grãos de arroz na cerâmica, especialmente em Kyūshū. Tal desenvolvimento foi acompanhado de um aumento das ervas-daninhas como a artemísia, normalmente um indício de desflorestamento. Há indícios de agricultura incipiente também de grãos nativos como milhete e cevada.

Posteriormente a esse período, a introdução e florescimento da agricultura de arroz e metalurgia (saltando pela Idade do Cobre e entrando direto na do Ferro), trazidos do continente por imigrantes de características genéticas distintas, viria a mudar radicalmente o estilo de vida da sociedade japonesa. Esta nova cultura miscigenada, base da atual nação japonesa, foi chamada cultura Yayoi—o nome da região de Tóquio onde foram encontrados pela primeira vez artefatos do período.

Referências Bibliográficas

- 1 BARNES, G. L. Origins of the japanese islands: The new “big picture”. *Japan Review*, Kyōto, n. 15, p. 3–50, 2003. Disponível em: <<http://shinku.nichibun.ac.jp/jpub/pdf/jr/IJ1501.pdf>>.
- 2 JR., J. E. K. The earliest societies in japan. In: _____. *The Cambridge history of Japan: Ancient japan*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. v. 1, p. 50–108. ISBN 0-521-22352-0.
- 3 SUZUKI, T. Cultura e sociedade japonesa: Da Época primitiva às origens do estado. *Revista de Estudos Japoneses*, São Paulo, n. 23, 2003.
- 4 LEE, S.; HASEGAWA, T. Bayesian phylogenetic analysis supports an agricultural origin of japonic languages. *Proceedings of the Royal Society B: Biological Sciences*. Disponível em: <<http://rspb.royalsocietypublishing.org/content/early/2011/05/04/rspb.2011.0518.abstract>>.